

## reportagem cultural

# Talento e resistência a serviço da cultura

Marcello Campos, especial para o JC

Contemporânea de vozes femininas como Flora Almeida, Elaine Geissler, Muni, Luciana Tomasi, Ângela Jobim, Glória Oliveira, Marietti Fialho, Luciana Costa e Adriana Calcanhotto, Nanci Araújo define a cena local da época como de amizade, incentivo e admiração mútua entre as colegas de geração. “Nossa professora de canto, Dea Mancuso, fazia questão que fôssemos aos shows umas das outras”, enfatiza. A respeito da própria carreira, ela considera como marco inicial uma apresentação em 22 de outubro de 1986, com banda de apoio e foco em MPB e compositores locais, na Companhia de Arte – centro cultural criado no ano anterior pela Associação do Pessoal da Caixa Econômica Federal (Apcef) em um prédio nos altos da Rua da Praia.

O período coincide com a busca constante por aprimoramento técnico, que começa com a já mencionada Dea Mancuso (ao todo, dez anos de aulas) e avança em 1987 com três meses no curso de Teoria e Percepção Musical na seccional gaúcha das Ordem dos Músicos do Brasil (OMB-RS) – uma das exigências para se obter a carteirinha profissional da entidade. No mesmo ano, Nanci daria o maior salto até então em sua trajetória, ao coprotagonizar uma iniciativa histórica e que muitos consideram inédita até então no País: a fundação da Cooperativa Mista dos Músicos de Porto Alegre (Coompor).

Na origem está um chamamento da presidência do Clube de Cultura – fundado em 1950 – para que artistas colaborassem na tentativa de revitalização do espaço localizado na rua Ramiro Barcelos nº 1.853, bairro Bom Fim. Tendo como “QG” uma sala na própria sede da entidade, a mobilização rapidamente se consolidou na for-



Nanci Araújo iniciou sua carreira artística em outubro de 1986, na Companhia de Arte

ma de um coletivo estruturado de acordo com princípios de autonomia e profissionalismo para o desbravamento de oportunidades à classe em todo o Estado, por meio de comissões especializadas em produção, divulgação, logística e captação de recursos.

Mais de 300 elementos (em sua maioria músicos) aderiram à ideia, metade deles efetivamente associados e cerca de uma dezena batendo ponto todo dia no escritório. Durante os quase oito anos de duração do empreendimento, nomes do porte de Nelson Coelho de Castro, Bebeto Alves, Pery Souza, Gelson Oliveira, Cláudio Levitan, Pedrinho Figueiredo, César Dorfmann, Paulo Gaiger e Neusa Ávila (assim como Nanci, uma das poucas mulheres no

grupo) construíram um legado de vanguarda e representatividade ainda valorizado.

A cooperativa também promovia cursos e oficinas de violão, teoria musical e produção executiva, permitindo aos artistas um manejo qualificado de editais de patrocínio e outras demandas do mercado, contribuindo para erguer de patamar a cena musical gaúcha. De todas suas realizações, a de maior sucesso foi o projeto *Coompor Canta Lupi*, reunindo no palco um supergrupo com membros da turma para interpretar clássicos de Lupicínio Rodrigues em roupagem moderna – um arrojado de impacto positivo inclusive nas carreiras individuais. Nada mal para uma ideia decorrente da mera necessidade de se adquirir

uma linha telefônica para o escritório no Clube de Cultura. “Foram cerca de 150 apresentações em diversas cidades a partir de 1989, com uma infraestrutura de alto nível e que resultou na gravação de um LP de grande circulação, além da compra de sonorização própria”, acentua Nanci. “Os mais experientes orientavam os iniciantes, proporcionando uma impressionante troca de conhecimentos. Integrei o conselho fiscal, divulgação e tal, de modo que a cooperativa funcionou como uma faculdade para mim, que ainda estava me lançando cantora, aos 23 anos. Esse processo só se encerrou em meados de 1993, quando a Coompor havia se tornado algo tão grande que ficou difícil de gerir, até pela sobrecarga de compro-

missos do pessoal”.

O flautista e produtor musical Pedrinho Figueiredo adiciona predicados à parceira de empreitada: “Motivadora incansável, ela doou muito de seu tempo e energia estimulando os que estavam à sua volta, para não esmorecerem. Acompanho com admiração as notícias de suas lutas por causas sociais, com uma vibração e postura batalhadora que não se perderam com o tempo. Quando dividíamos o palco, eu via em Nanci a emoção de Lupicínio em interpretações viscerais, tudo registrado em um vinil que vale a pena buscar, com sete intérpretes da melhor qualidade, acompanhados por instrumentistas talentosíssimos. Foi uma honra termos convivido”.

## Magistério como consequência

Tamanha entrega pessoal e profissional em tantas frentes ao longo dos últimos 40 anos fez de Nanci Araújo uma multiplicadora de informações e talentos. Observando-se a questão por tal ângulo, não surpreende o fato de que a “Velha Guerreira” tenha adicionado à sua caminhada o Magisté-

rio, como uma consequência quase que natural das inúmeras Nancis que se complementam na mesma mulher. Com a palavra, a professora: “Aprendi muito com os movimentos sociais e também compartilhei saberes nos encontros, e me vi educadora popular. Concluí os estudos com graduação em

Pedagogia no Centro Universitário Leonardo Da Vinci (Uniaselvi), em 2019. Com a pandemia da Covid, no ano seguinte, eu me reorganizei e parti para a docência”.

Lecionando a estudantes do Ensino Fundamental em Esteio e depois Porto Alegre, há três anos ela evoluiu de contratada

a concursada. Também acrescentou ao currículo, em 2024, o curso de Licenciatura em Música pelo Instituto Educacional do Rio Grande do Sul (Iergs). Seu palco diurno é hoje a Escola Municipal Morro da Cruz, no bairro São José, onde olhos e ouvidos curiosos de uma gurizada ávida por novidades

servem de incentivo adicional à missão de semear conhecimento e transformar vidas. “Isso é algo que sempre mexeu comigo”, emociona-se. Para ela, um simples e espontâneo “Oba!” dos alunos ao confirmarem que a professora estará presente em sala de aula soa, por si só, como música.